

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO EM HISTÓRIA

Palavras Chaves

Identidade, identidade judaica medieval, preconceito

INTRODUÇÃO

Toda identidade é uma construção social e é produto cultural, como ela se encontra num processo constante de construção, a mesma necessita na sua prática de uma certa essência, ou seja, fixar-se em algo, encontrar um porto seguro. Esta é a dialética da mudança-permanência. A identidade se constitui nas relações sociais, entre o “eu” e o “outro”, é o sentimento de cooptencimento. Com isso falamos numa identidade Judaica medieval que se constitui socialmente marginalizada pelo cristão que não o compreendia, inscrita sob a égide do preconceito. Marcada pela infâmia de deicidas cooptada a de hereges, os judeus medievais possuíam uma má fama que precedia a sua presença. Esta era a marca identitária judaica do Medievo e também de boa parte da Era Moderna.

Os documentos os quais utilizamos para este trabalho e conseqüentemente para a dissertação se compõem da chancelaria de D, João II, chancelarias de D. Manuel, documentos citados na obra de Humberto Baquero Moreno: *Exilados, Marginais, e Contestatários na Sociedade Portuguesa Medieval*, Édito de expulsão e as Ordenações Afonsinas. O método do qual estamos utilizando para a realização desta dissertação é o da história social juntamente com a discussão com as fontes. Estamos ainda em trabalho inicial nos que diz respeito à escrita da dissertação, nenhum capítulo ainda está realizado, entretanto, o texto a ser apresentado comporá um dos primeiros capítulos desta dissertação.

Esta pesquisa é financiada pelo CNPQ (Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico).

IDENTIDADE JUDAICA MEDIEVAL

SOUSA, Israel Coelho de.¹
SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos

Ao se falar de judeu percebemos que tanto no indivíduo como na comunidade a identidade judaica é muito marcada. E esta diferenciação está presente não só no modo como se vestem, mas também nas suas convicções religiosas que refletem em todos os âmbitos da vida de um judeu. Geralmente, as comunidades religiosas possuem uma identidade de fácil reconhecimento. Deste modo, se na sociedade atual, que se encontra num alto grau de miscigenação cultural e globalização, onde as identidades se multiplicam e se confundem, conseguimos diferenciar um judeu de um não-judeu. Na sociedade portuguesa do século XV esta diferenciação era ainda mais nítida. Isto se deve ao fato de que, os judeus não viviam misturados com a grande maioria da população, residiam segregados nas famosas *comunas* e *judiarias*. Portanto, ao haver esta separação a identificação/diferenciação se torna mais fácil, pois esta comunidade se “purifica” na sua vivência dentro de outra comunidade e adquire assim, características próprias que diferem a minoria judaica da maioria cristã. Numa ênfase maior, seria o que Stuart Hall chama de “dialética da mudança-permanência”². Essas características podem ser naturais, como usar um barrete (chapéu) pontiagudo e a barba grande, ou impostas, como no caso da *rouelle*, um círculo costurado sobre as vestimentas. Estas marcas diferenciadoras eram utilizadas como forma de discriminação e intensificavam o preconceito contra os judeus. Entretanto, não é só isto, como afirmou Katryn Woodward (2000, p.9), “a identidade é marcada por meio de símbolos”³. A *Rouelle* assim como o barrete e a barba grande, são os símbolos que representam a identidade judaica, mesmo que de forma vexatória. Eles vislumbram para o “outro”, quem eles são, e neste apontamento se faz à diferenciação entre o judeu e não-judeu. O que ele utiliza, de forma voluntária ou forçosa, é associado a sua identidade, simbolizando a sua imagem identitária para aqueles que o observam.

Como a identidade para Woodward e também para Cristian Meier não é só uma construção simbólica mas social, a comunidade judaica portuguesa do século XV lutava por um espaço ou pelo reconhecimento enquanto parte integrante da sociedade portuguesa. Como um grupo em busca de uma legitimação identitária, os judeus não recorreram ao uso da força ou qualquer outro meio que imputasse um sentimento de ódio ou raiva por parte da população de Portugal⁴. Mas o desprezo cristão pelo judeu estava além de questões locais: como a prática usuraria, a prosperidade nos negócios ou a presença em cargos de confiança junto à coroa; ele antecede o judeu, ou seja, a sua fama chega antes mesmo de sua presença física. À acusação de deicídio lhes acompanham ao longo dos séculos. Esta é mais uma marca simbólica, mas negativa, pois esta representação não será nada favorável para uma comunidade nômade que procura estabelecer-se em uma região predominantemente cristã.

¹ Aluno do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.
israelbomtempo@bol.com.br.

² Stuart Hall. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro:DPeA, 1997.

³ Katryn Woodward. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva. (org) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.

⁴ Cristian Meier. Sobre o conceito de identidade nacional. História: Questões e Debates, Curitiba, 10 (18-19):329-347, Jun./Dez. 1989.

Apesar de que o judeu já era conhecido na Península Ibérica há séculos, a sua sustentabilidade se dava no Reino português por meio de um amparo por parte da legislação de alguns reinados como nos é mostrado na tese de doutoramento da professora Maria Ferro Tavares⁵. A intolerância era alimentada por variadas acusações, as quais já citamos, mas elas tinham quase sempre o viés religioso para orientá-las. Neste ambiente de intransigências, tentava-se por séculos uma convivência pacífica entre judeus e cristãos. Entretanto, o preconceito concentrado por uma dose forte de violência, não permitia a vivência em um mesmo lugar com aquele grupo, e a maneira que se encontrou para mostrar isso, foi o meio mais irracional que o ser humano tem para expressar o seu ódio, matando. Os famosos pogrons eram verdadeiras carnificinas que evidenciavam com quem os portugueses não queriam conviver. Os cristãos portugueses eram extremamente essencialistas ao demonstrar atitudes como estas. No entanto, os judeus também ao aceitarem a segregação espacial, as judiarias, estavam procurando preservar a “essência” do judeu, tanto nos ritos religiosos, na maneira como se vestir e em um estatuto próprio de conduta dentro das judiarias. Uma identidade que se preservava dentro de seus sistemas simbólicos próprios, diante das ameaças de tentativas de eliminação do seu grupo, enquanto componente de um mosaico universal de identidades.

Se a história pesou para uma das partes sem dúvida foi para a comunidade judaica, que levavam consigo esteriótipos e estigmas advindos de um passado que lhes pertencia, mas do qual não foram responsáveis pelas ações constituidoras do mesmo. Como afirma Jeffrey Richards (1993, p.29) “as minorias têm sido notoriamente suscetíveis à estereotipagem. Os esteriótipos são um meio de dar sentido a um universo desordenado, impondo ordem, definindo o eu, personalizando os temores”⁶. O esteriótipo principal, era o de serem os assassinos de Cristo. Junto a está imagem está todo o tipo de acusações sobre aqueles que perseguiram e mataram o símbolo maior da Santa Fé Cristã. Com isto, o passado, para o judeu tem dois lados; um, positivo, que é o de fator legitimador da identidade judaica, sendo ela historicamente constituída; o outro, seria o lado negativo, onde esse passado também é o responsável por imputar sobre esta identidade a morte do Cristo. O cristão não deixa que este estigma seja esquecido e o judeu não faz por onde para que se amenize, pois eles não aceitam o salvador dos cristãos e o consideram como um simples profeta.

Este fato, se deu justamente num período de bastante conturbação no reino português, estamos nos referindo a entrada dos judeus castelhanos que foram expulsos e que foram autorizados pela coroa portuguesa, mediante um pagamento *per capita*, adentrarem Portugal. Para Humberto Baquero Moreno, com a atitude de mestre Paulo e a rejeição com que o povo português recebeu os judeus castelhanos, se estabeleceu um forte sentimento de xenofobia na mentalidade dos originais do reino, se amparando em varias acusações, que chegaram a ponto de acusarem os judeus de desestabilizar a política econômica de Portugal. A população pressionava a corte para tomar atitudes firmes quanto a esta situação, denotando um certo receio em relação à capacidade do poder central de resolver tais situações. Com a acusação também, de que os castelhanos traziam para o reino

⁵ Maria Ferro Tavares. *Os judeus em Portugal no século XV*. Lisboa: Nova de Lisboa, 1982.

⁶ Jeffrey Richards. *Sexo, Desvio e Danação – As Minorias na Idade Média*. Trad. Marco Antônio Esteves da Rocha. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

português “maas erezias”, era um acréscimo às cobranças de uma postura mais rígida e intransigente.

Outro aspecto importante e bastante significativo do caráter identitário judaico é a sua não aceitação do Cristo, símbolo do Cristianismo. Por até os dias atuais esperarem o seu salvador que lhes libertará de todas as injustiças e que será o seu governante por excelência, se denota aqui um certo vestígio de uma imutabilidade que se apóia no fator religioso, ou seja, uma crença que influencia diretamente o aspecto político desta nação. Ao mencionarmos este aspecto imutável da identidade judaica, talvez possa parecer que estamos empunhando a bandeira do essencialismo. A identidade tem como primícia sua constante construção, ou seja, ela sofre no decorrer do seu processo de arquitetura uma mutabilidade que denota a sua não estatização no tempo e no espaço (MEIER, 1989). No processo identitário há também fixações, e não somente fluidez e volubilidade. O grupo ou o indivíduo necessita de marcas identitárias que permaneçam em toda a sucessão de mudanças, do contrário, não se poderá determinar quem é quem, se formando uma verdadeira metamorfose transeunte, onde não há um porto seguro.

Ao realizar mudanças de um território para o outro, a comunidade judaica teria que realizar um novo prelúdio de adaptação, não só ao clima e as condições físicas daquele local, como também uma adequação às leis, normas, costumes, enfim, ao modo de vida daquela região. Contudo, esta adequação não quer dizer que o judeu se descaracterizava enquanto tal. Ele assimilava os aspectos da cultura local sem, no entanto, contradizer a sua identidade. E o natural reconheciam os seus pares, ele possuía um arquétipo de identificação que distinguia o comum do incomum.

A globalização proporcionou um aceleração do caráter dinâmico das identidades, o qual foi realizado pelos novos meios de comunicação criados pelo homem. Entre as diversas opiniões de quando se iniciou esse processo, nos apoiamos naquela que busca se aportar no período das grandes navegações, não porque se havia feito contato com novos continentes. Mas porque a partir deste momento rúptil tivemos o início da integração entre todas as partes do mundo. Nunca numa época anterior o homem teve o conhecimento de como era o planeta e que existia outros povos e continentes além da Eurásia. O termo global agora era totalmente adequado e discernível por todos aqueles que estavam incluídos no globo. Entretanto, a globalização não se define só nisto. Através dos meios de comunicação e das naus que cruzavam os oceanos, o mundo estava ficando “menor” e mais perto de todos. Produtos e pessoas que transitavam pelos continentes agora eram mundializados, e sem dúvida, os meios de comunicação e de transportes foram fatores preponderantes e primordiais no processo de transnacionalização. Os hebreus são, portanto, um dos primeiros grupos identitários a se incluírem no processo de mundialização quando se dá a sua expulsão do Reino português, no final do século XV e início do século XVI. Ao buscarem refúgio na Itália, Flandres, África e Oriente, muitos atravessaram o Pacífico e se refugiaram no Brasil e na Ilha de Manhattan (Nova York), tentando se estabelecer em um novo lócus, ou melhor, dizendo, no Novo Mundo. Com isso, a globalização foi a responsável por proporcionar uma nova mutabilidade no caráter identitário judaico. A “dialética da mudança-permanência” entrou em um estágio de aceleração. Os judeus contribuíram com as inovações tecnológicas e ao mesmo tempo se favoreceram delas para tornar possível a sobrevivência da comunidade e da cultura judaica. Eles contribuíram com os seus conhecimentos na ciência náutica e também com o seu capital, para que Portugal adentrasse a modernidade e, desta forma, se iniciasse a globalização. Portanto, os judeus são atores principais neste processo que os beneficiou

dando-lhes um leque de possibilidades, para que o seu grupo identitário pudesse ser aceito pelo “outro” dentro de um território desconhecido. O aceleração das mudanças já iniciava ali uma certa fragmentação da identidade, onde esta poderia ser constituída de várias facetas distintas, mas não contrastantes.

CONCLUSÕES

Acreditamos que a discussão que envolve da questão identitária é um dos elementos primordiais para se entender as intransigências e perseguições que se efetuaram contra esta minoria no período medieval. Ela também ajudara a compreender o porquê da expulsão deste povo do solo português no final do século XV. Juntamente com outros elementos tanto empíricos como teóricos, queremos realizar esta análise que nos ajudará a compreender o processo de expulsão e conjuntamente nos mostrará um pouco daquela sociedade cristã do medievo, permitirá que adentremos um pouco no seu imaginário para que possamos compreender a suas atitudes contra esta minoria judaica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fortunato. *História da Igreja em Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1967. v.1.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPoA, 1997.
- MEIER, Cristiam. . Sobre o conceito de identidade nacional. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 10 (18-19):329-347, Jun./Dez. 1989.
- MORENO, Humberto Baquero. *Exilados, Marginais, e Contestatários na Sociedade Portuguesa Medieval*. Lisboa: Presença, 1990.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação – As Minorias na Idade Média*. Trad. Marco Antônio Esteves da Rocha. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TAVARES, Maria Ferro. *Os Judeus em Portugal no Século XV*. Lisboa, Nova de Lisboa, 1982.
- WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva. (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.